

AGUARELAS DE CESÁRIO VERDE

Maria Paula Palmas

Oriundo de uma família de abastados recursos financeiros, Cesário Verde divide o seu quotidiano, entre a loja de ferragens, pertença de seu pai, e a Quinta situada em Linda-a Pastora, famosa pela fruta que produz, essencialmente, destinada à exportação. Apesar de o contexto familiar ser direccionado para o comércio e pouco propício ao espírito poético, Cesário Verde dedica o seu escasso tempo livre a redigir composições, onde evidencia idealismo e poder de observação. A sua vivência vai reflectir-se nos temas que retratam a realidade objectiva, tanto da cidade, como do campo, numa análise minuciosa de interiores e de exteriores, de pessoas, de animais e de objectos.

Ao examinar detalhadamente tudo o que o rodeia, Cesário Verde transmite diversas sensações por ele experimentadas, dando relevo aos cinco sentidos, pois tal como afirma, emotivamente, em «Cristalizações», *tangem-lhe*, «(...) excitados, sacudidos, / O tacto, a vista, o ouvido, o gosto, o olfacto!». Nesta composição, o poeta relata a azáfama citadina constatada por ele, associando-a à injustiça que vitima as classes trabalhadoras. Através de pensamentos expressos em linguagem simbólica, surge a vida campestre, como denunciadora da exploração dos grandes meios urbanos.

«Num bairro moderno», o sujeito poético descreve a vendeira, «esguedelhada, feia» e «pequenina», que, no seu cabaz, transporta frutos e legumes, à semelhança de «um retalho de horta aglomerada». Esta mulher, paupérrima, que traz rotas as meias azuis de algodão, no desenrolar dos seus movimentos, curva-se e ajoelha-se, salientando-se estas acções por remeterem para a humildade e a submissão que a fragilizam face a eventuais compradores. Ao tentar vender a sua mercadoria, à entrada de uma casa burguesa, é menosprezada por «um criado», que, apesar de pertencer a idêntica classe social, aparenta superioridade e demonstra desdém:

Do patamar responde-lhe um criado:
«Se te covém, despacha; não converses.
Eu não dou mais.» E muito descansado,
Atira um cobre ignóbil, oxidado,

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Que vem bater nas faces duns alperces. (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas, 1988: 71)

No seguimento da expressão metafórica «faces duns alperces», surge a transfiguração dos produtos agrícolas «num ser humano»,¹ «cheio de belas proporções carnaís», evidenciando o sujeito pensamentos repletos de vitalidade e de sensualismo:

Subitamente – que visão de artista! –
Se eu transformasse os simples vegetais,
A luz do Sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista
Cheio de belas proporções carnaís?! (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas, 1988: 71)

Dentro do mesmo espírito, o poeta continua o jogo de metamorfoses, utilizando uma linguagem comparativa e metafórica, ao descobrir semelhanças entre «os rosários de olhos» e «os cachos de uvas», e, ao afirmar que as azeitonas «são tranças dum cabelo». A associação de ideias é pródiga, detectando o sujeito «uma cabeça numa melancia», num melão uma barriga e no tomate «bons corações pulsando». Certos frutos lembram-lhe, ainda, «colos, ombros, bocas, um semblante», e as cenouras parecem-lhe «dedos hirtos, rubros».

Não pára o desfilar de gente sacrificada, como «a regateira», vendendo «a sua fresca alface», que, num desabafo, grita, desesperada: «Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...». O sujeito aproxima-se dela, «sem desprezo», e ajuda-a, levantando «(...) todo aquele peso / Que ao chão de pedra resistia preso, / Com um enorme esforço muscular». Este gesto de partilha demonstra que o poeta não se alheia da sorte dos outros, procurando, de algum modo, contribuir para atenuar o seu sofrimento, e, recebendo, como recompensa, palavras gratas que lhe transmitem «forças», «alegria» e «plenitude».

E, num quadro repleto de movimento e de cor, continua o exame minucioso à vendedeira de rua, «magra» e «enfezadita» que *apregoa* «as suas couves repolhudas, largas», em antítese com a sua própria figura:

¹ «Para revalorizar a natureza – os frutos e os legumes – o sujeito toma-se e mostra-se poeta, capaz de a recriar num corpo carnal, e põe a nu o procedimento metafórico com a sua capacidade fecundadora e produtiva.» (MENDES, 1982: 39)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

E pitoresca e audaz, na sua chita,
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
Duma desgraça alegre que me incita,
Ela apregoa, magra, enfezadita,
As suas couves repolhudas, largas. (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas, 1988: 74)

A adjectivação e a comparação são utilizadas com originalidade, e denotam, por um lado, o quotidiano concreto, por outro, a subjectividade que o poeta lhe imprime. Tal é atestado, por exemplo, nos seguintes versos:

E como as grossas pernas dum gigante,
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,
Carregam sobre a pobre caminhante,
Sobre a verdura rústica, abundante,
Duas frugais abóboras-carneiras. (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas, 1988: 74)

Todo o envolvimento é composto de luminosidade, destacando-se as «brancuras quentes» que *ferem a vista*; o sol, com os «seus raios de laranja destilada»; a «janela azul»; o «xadrez marmóreo dum escada»; as azeitonas «negras e unidas, entre verdes folhos»; o «sangue na ginja vívida, escarlate», entre muitos outros coloridos quadros. Do mesmo modo, as sensações olfactivas e auditivas também são uma constante, como atestam expressões que denunciam os aromas provindos da cozinha, o cheiro a hortelã, o ressoar dos tamancos na calçada, as campainhas das casas a tocarem e os canários a chilrearem.

Ao *pintar* este quadro citadino, Cesário Verde fá-lo à semelhança dos pintores impressionistas,² que, de uma maneira particular, baseiam-se na sensação causada pela observação directa do quotidiano, suplantando a realidade através de uma forte óptica subjectiva.

Com frequência, o triste Fado das pessoas simples atrai a atenção do poeta. Em «Cristalizações», foca «os calceteiros» que, «de cócoras», «com lentidão, terrosos e grosseiros, / Calçam de lado a lado a longa rua», e as peixeiras que gritam, «dando aos rins». O es-

² «Em Cesário há íntima concordância entre as ideias e a forma de as exprimir. Mesmo os conceitos de nível popular são expostos em cores vivas e num ritmo que os eleva. / Então as palavras, às vezes, deixam de ser som e transformam-se em luz e cor, sugerindo deliciosas e bem recortadas pinturas.» (BARREIROS, 1998: 304)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

forço exigido no desempenho de tarefas, humildes e custosas, atinge-o, emotivamente, provocando-lhe o seguinte desabafo:

Povo! No pano cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Como ele sofres, bebes, agonizas:
Listrões de vinho lançam-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz! (O livro de Cesário Verde e
poesias dispersas, 1988: 78)

Neste último verso é de realçar a simbologia da cruz dos suspensórios, que se traduz no sofrimento da vida, penosa, difícil de suportar, causando piedade ao poeta, e, simultaneamente, revolta, devido às desigualdades e injustiças sociais.

Em oposição ao povo, surge, neste mesmo cenário, «uma figura fina», uma *atriz*, «toda abafada num casaco à russa», que, «impaciente», «vacila», «sobre as botinhas de tacões agudos», perante os trabalhadores, que a *encaram*, «brutamente», «como animais comuns», «bovinos, másculos, ossudos».³ Esta figura representa o artificialismo e o luxo, em contraste com a pobreza das classes mais desfavorecidas, funcionando, também, como símbolo do conflito entre a cidade e o campo. Para além da adjectivação e da comparação utilizadas na caracterização da mulher, é de destacar, igualmente, o uso do advérbio, transmitindo sentimentos autênticos às respectivas personagens, e, revelando o íntimo do sujeito poético. O retrato da *atriz* está repleto de ambiguidades, pois, tal como a cidade, evidencia, por um lado, um aspecto sedutor, por outro, manifesta repulsa, nitidamente expressa no final do poema:

Porém, desempenhando o seu papel na peça,
Sem que inda o público a passagem abra,
O demonico arrisca-se, atravessa
Covas, entulhos, lamaçais, depressa,
Com seus pezinhos rápidos, de cabra! (O livro de Cesário Verde e
poesias dispersas, 1988: 79)

³«Trata-se também de uma metáfora nascida do contágio com os trabalhadores, que para isso se animalizam no final do poema, passando de duros e «terrosos» a «bovinos» e sanguíneos.» (MENDES, 1982: 35)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O tema da mulher cidadina, fatal, surge, também, em «Esplêndida», lembrando Baudelaire,⁴ pela forma desdenhosa como o poeta caracteriza esta personagem feminina, recorrendo a expressões irônicas, tais como «É fidalga e soberba» e «É ducalmente esplêndida!».⁵ Esta figura denota a futilidade mundana e a repressão da vida, na cidade, conducente à humilhação:

E eu vou acompanhando-a, corcovado,
No trottoir, como um doido, em convulsões,
Febрил, de colarinho amarrotado,
Desejando o lugar dos seus truões,
Sinistro e mal trajado. (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas,
1988: 168)

Do mesmo modo, em «Humilhações», está patente o tema da opressão, através do afastamento entre a mulher rica e o homem pobre, que apenas a contempla, à distância:

Ao mesmo tempo, eu não deixava de a abranger;
Via-a subir, direita, a larga escadaria.
E entrar no camarote. Antes estimaria
Que o chão se abrisse para a abater. (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas, 1988: 56)

No final do poema, em antítese à personagem feminina inicialmente retratada, surge uma velha, «suja», «infecta, rota, má», anunciando a pobreza e a infelicidade a que estão sujeitos os mais desfavorecidos da sociedade.⁶ E, mais uma vez, o sujeito assume a

⁴ «Desde Ramalho Ortigão têm os leitores críticos aproximado Cesário de Baudelaire, insistindo nas semelhanças e, por reacção, também nas diferenças. É o que fez, por exemplo J. Prado Coelho. A seu ver, ambos os poetas inscrevem nos seus poemas a mulher fria, a cidade e a sua vida, ambos têm o mesmo gosto pelo inesperado, por vezes «arrepante» (o *frisson nouveau*), a mesma audácia metafórica e atitudes por vezes exageradas, e ambos associam a poesia à pintura. No entanto, Cesário Verde é também um poeta do campo, do prosaico, sem amplitude oratória, anti-romântico, sem as preocupações metafísicas e os abismos psicológicos de Baudelaire, além de não ter quaisquer marcas de satanismo.» (*Ibidem*: 22-23)

⁵ «O tratamento irónico da «esplêndida» mulher do título cria um efeito de distanciamento que a torna na personificação dramática de uma situação social. Ela é um tipo social e não uma pessoa.» (MACEDO, 1999: 77)

⁶ A mulher, símbolo da aristocracia, «(...) é colocada no pólo actancial do agressor, do dominador que é preciso vencer. No outro pólo são colocados os «lacaio» e os «povos humilhados», a classe oprimida e o próprio sujeito.» (MENDES, 1982: 33)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

sua ideologia, ao demonstrar a sua «raiva», perante a *guarda* que «spanca o povo» e que é o símbolo do poder da burguesia.

Frequentemente, a cidade é aliada a sensações de mal-estar, manifestando o poeta pensamentos de evasão. Em «Cristalizações», ao descrever um outro cenário citadino, a sua apetência pela vida campestre transparece, através da transfiguração dos «calceteiros», com «os picaretos», em «cavadores», com «as enxadas». O cenário citadino, barulhento e poluído, em contraste com o campo, alegre e salutar, entristece o poeta, provocando-lhe desabafos reveladores do estado de alma, como testemunham os versos: «Não se ouvem aves; nem o choro duma nora! / (...) / E o ferro e a pedra – que união sonora! – / Retinem alto pelo espaço fora, / Com choques rijos, ásperos, cantantes.»

Em «O sentimento dum ocidental», o poeta foca, de novo, a melancolia patente na vida citadina e as náuseas provocadas pela poluição. Consequentemente, manifesta um desejo de fuga da «triste cidade», que surge associada a clausura, expressa em vocábulos, como «grades», «cadeias», «fechaduras» e «gaiolas». Inseridas neste mesmo cenário, a doença e a morte, também se destacam, através de diversas expressões, tais como, «E eu sonho o Cólera, imagino a Febre, / Nesta acumulação de corpos enfezados; / Sombrios e espectrais recolhem os soldados». Asfixiado pela dor, patente em cada esquina, o sujeito considera-se *emparedado*, «sem árvores, no vale escuro das muralhas», deambulando por «nebulosos corredores», e, seguindo «as notas pastoris de uma longínqua flauta», na *busca* de «amplos horizontes».

Neste poema igualmente se manifesta a preocupação do poeta em relação às desigualdades sociais, ao referenciar as classes humildes, como «as floristas» e «as costureiras», em contraste com as mulheres «elegantes» que sorriem «às montras dos ourives». As associações feitas pelo poeta também fazem transparecer a sua posição face a este assunto:

As burguesinhas do catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo. (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas, 1988: 108)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Por outro lado, a vida campestre anima Cesário Verde pela tranquilidade e salubridade que transmite. Os seus quadros calmos envolvem muita luminosidade e proporcionam alegria e paz de espírito. Tudo remete, preferencialmente, para aspectos positivos, como se constata no poema «De Verão»:

(...) Que aldeias tão lavadas!
Bons ares. Boa luz! Bons alimentos!
Olha: os saloios vivos, corpulentos,
Como nos fazem grandes barretadas! (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas, 1988: 99)

O campo proporciona outro tipo de *pintura*, mais atractiva para o poeta, como a ribeira que corre, os rebanhos que apascentam, as colinas que brilham, a vinha que «verdeja, vicejante», *as terras ceifadas*, a «sombra dos pinheiros», e, inclusivamente, as formigas, que, «espertas, diligentes», «arrastam bichos, uvas e sementes» para «seus antros quase ocultos na parede».

Na composição «De tarde», o poeta relata um «piquenique de burguesas», em que uma figura feminina desce «do burrico», sem artificialismos, para ir apanhar, «um ramalhete rubro de papoulas», «a um granzoal azul de grão-de-bico». Todo o cenário exprime, fortemente, luz e cor, como testemunham, o «Sol», as «talhadas de melão», os «damascos» e o «pão-de-ló molhado em malvasia», entre outros coloridos elementos. Mais uma vez, os versos de Cesário Verde denunciam sensualismo, ao destacar as flores vermelhas que surgem contrastando com a brancura da mulher:

Mas, todo púrpuro, a sair da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas! (O livro de Cesário Verde e poesias dispersas, 1988: 112)

Este poema assemelha-se, pela sua descrição impressionista e pelo tema, ao quadro «Déjeuner sur l'herbe», de Manet. O próprio poeta afirma tratar-se de «(...) uma coisa simplesmente bela / E que, sem ter história nem grandezas, / Em todo o caso dava uma aguarela», servindo também estas palavras, para definir a sua poesia.

Em «Nós», poema autobiográfico, Cesário Verde confessa abertamente a sua paixão pela vida campestre, fazendo a apologia do campo, como local privilegiado:

DEPARTAMENTO DE LETRAS

E o campo, desde então, segundo o que me lembro,
É todo o meu amor de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos,
Desde o calor de Maio aos frios de Novembro! (O livro de Cesário
Verde e poesias dispersas, 1988: 122)

Nesta composição, o poeta conta que a sua família abandonou a cidade, devido à febre e à cólera, e refugiou-se no campo, consequentemente, identificado com saúde e salvação. A partir de então, pôde observar as montanhas que lhe recordavam «cabeças estupidas, grossas», cobertas «de cabelo grisalho, muito rente»; «as verdes ribanceiras»; as abelhas «douradas, pequeninas»; os besoiros «negros, volumosos»; «o laranjal de folhas negrejantes», entre tantos outros aspectos ilustrativos da natureza. Com base na observação detalhada do cenário envolvente e na respectiva retratação, o poeta chega a admitir que *pinta* «quadros por letras, por sinais».

De facto, poder-se-á dizer que Cesário Verde coloca o seu *ca-valete*, perante o objecto da sua análise, e capta esse momento, na sua *tela*, ou seja, a espontaneidade do quotidiano, constituído por luz, cor e movimento. Com base nessa realidade concreta,⁷ e, aliado à sua subjectividade, Cesário Verde, simultaneamente, na qualidade de poeta e de pintor, recorre artisticamente à palavra, para ilustrar autênticas aguarelas, repletas de expressividade.

BIBLIOGRAFIA

BARREIROS, António José, *História da Literatura Portuguesa*, vol. II, 15ª ed. Braga: Bezerra-Editora, 1998.

CASTRO, Sílvio, *O percurso sentimental de Cesário Verde*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990.

COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, vol. 4º, 3ª ed. Porto: Figueirinhas, 1978.

⁷ «Não esqueçamos, de resto, que Cesário é intencionalmente realista. Por isso, atende com particular interesse ao real concreto, a pormenores mínimos desde que lhe sirvam para excitar e transmitir percepções sensoriais. Daí o ter construído com realidades aparentemente insignificantes quadros de grande expressividade.» (BARREIROS, 1998: 304)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

FIGUEIREDO, João Pinto de, *Cesário Verde a obra e o homem*, Lisboa: Editora Arcádia, 1981.

MACEDO, Helder, *Nós uma leitura de Cesário Verde*, Lisboa: Editorial Presença, 1999.

MENDES, Margarida Vieira, *Poesias de Cesário Verde*, 2ª ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1982.

PEREIRA, José Carlos Seabra, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VII, Lisboa: Editorial Verbo, 1995.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, *O livro de Cesário Verde e poesias dispersas*, 3ª ed. Mem Martins, 1988.

TEIGA, Carlos, *O livro de Cesário Verde (Ensaio interpretativo e crítico)*, Setúbal: Corlito, 1993.

AS CONJUNÇÕES SOB UM PRISMA FUNCIONAL

Charleston Chaves (UERJ)

INTRODUÇÃO

O estudo das conjunções, sobretudo nos ensino fundamental e médio, de uma maneira geral, tem deixado de lado uma análise calçada no contexto e no processo de interação verbal entre os indivíduos para se deter em mecanismos que não acrescentam um conhecimento mais amplo ao estudo do idioma. O que as gramáticas normativas têm feito, salvo raras exceções (MATHEUS *et alii*: 2003), é listar uma infinidade de conjunções vinculadas a uma construção lógico / semântica, como se disso dependesse todo o estudo da análise dos conectivos. E quando mencionam as aplicabilidades dessas conjunções, em grande parcela das vezes, valem-se de exemplos canônicos retirados de grandes autores da Literatura ou já veiculados em outras gramáticas. Raramente há discussões críticas acerca de certos empregos, e até mesmo a negação de outras variabilidades.

Assim, é notório que o estudo desses elementos fica pomenorizado, restrito a poucos exemplos, e quando o aluno se depara com construções sintáticas diferentes daquelas que ele estudou, quiçá aprendeu (visto que um estudo baseado em memorização somente é muito simplório), fica, então, com grande dificuldade de perceber as sutilezas semânticas e as nuances sintáticas na construção do enunciado, prejudicando a compreensão do discurso.

Outro dado importante é quase a total ausência dos estudos verdadeiramente semânticos nas gramáticas prescritivas (normativas) gera a negação da importância de perceber a função de um elemento no âmbito da construção enunciativa, implicando, com isso, negar também a possibilidade de haver valores diversos em diferenciados contextos. É necessário, então, um estudo gramatical que prime por uma visão funcional e não meramente prescritiva e limitada da língua, a fim de que se alcance uma gramática mais adequada à realidade lingüística através da necessidade da interação comunicativa, base de sustentação de todo processo idiomático.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

À LUZ DO FUNCIONALISMO

Visto que o estudo do idioma na escola, em geral, não fornece subsídios aos alunos para analisarem a língua de uma forma mais abrangente, é necessário, então, calcar-se nos pressupostos de um arcabouço teórico para que esse estudo possa ser explorado de forma mais proveitosa. Por isso, a linha escolhida foi a funcionalista, haja vista possibilitar um estudo fecundo do idioma.

Deve-se colocar em pauta que um estudo calcado no processo funcional, como se entende na perspectiva contemporânea, é aquele que privilegia uma flexibilidade maior na análise dos aspectos gramaticais, bem como o reconhecimento de que o estudo idiomático se propõe a promover com maior competência a interação comunicativa entre os indivíduos; por isso, os fatos da língua por serem modificáveis constantemente, o olhar que deve pousar sobre ela não pode ser estático na busca de uma única análise gramatical, mas antes disso, esperar outras possibilidades.

À luz do funcionalismo, o que se pode esperar é um vínculo bastante estreito entre sintaxe e semântica. Um enunciado é constituído por conta de uma necessidade semântica, o objetivo é veicular uma idéia; e por sua vez, essa idéia precisa de uma construção sintática inteligível gramaticalmente.

Note-se que a linguagem é uma atividade sociocultural, servindo a funções cognitivas e comunicativas. Isso significa dizer que todo enunciado se presta a uma necessidade comunicativa incrustada numa representação social e por consequência cultural e o uso de certas conjunções na construção de sentido só reforça esse aspecto.

Observar as funções que elas exercem tanto sintática como semanticamente é fator imprescindível para perceber que o uso de elementos lexicais não é feito gratuitamente, mas com um propósito comunicativo na construção de sentido. Utilizar uma concessão em vez de uma adversativa não é de forma gratuita, não é à toa, presta-se a objetivos discursivos muito mais amplos do que a um mero uso por conta da utilização de uma conjunção (ou locução conjuntiva) em detrimento da outra.

Esse estudo mais funcional, por assim dizer, reflete-se também na produção escrita do aluno, que, infelizmente, na maioria dos

DEPARTAMENTO DE LETRAS

casos, memorizou uma série de conectivos conjuncionais e não percebe em sua plenitude as nuances propiciadas quando da utilização de um termo por outro, prejudicando muitas vezes a coerência textual, ainda mais quando esse aluno precisa produzir um texto. Esse mesmo aluno considera que preencher a produção textual com uma infinidade de conjunções seria base para construir um bom texto, enxuto, coeso e coerente; mas infelizmente o que se vê são relações desconexas e sentidos prejudicados pela inadequação desses mecanismos gramaticais, na grande parcela das vezes; isso quando são utilizados.

Valorizar, então, as relações funcionais é de suma importância para não só entender os valores atribuídos aos enunciados quando da leitura de um texto, bem como auxiliar e muito na produção textual, construindo sentido pretendido.

Entender como operam as conjunções, ou mais do que isso, como podem operar as conjunções nos mais variados contextos, nas mais variadas situações interacionais é tarefa cada vez mais premente para se obter um conhecimento gramatical mais ampliado e não apenas prescritivo do idioma.

ANALISANDO A PROPOSTA FUNCIONALISTA: UM RECORTE

Em relação ao pólo funcionalista lingüístico contemporâneo, algumas características são imprescindíveis para categorizá-lo, como reconhecer que a linguagem é considerada não-arbitrária, portanto motivada. Para os funcionalistas, tudo o que se passa no fenômeno lingüístico requer uma função, um motivo. Isso implica dizer que essa vertente se contrapõem à visão estruturalista (SAUSSURE: 2002) de mundo, que concebia a linguagem como imotivada, arbitrária. Benveniste (1991) também se posicionou contrário à arbitrariedade do signo lingüístico, defendendo que é o uso do idioma que propicia a existência do signo e não o contrário, portanto, manifestando que o significado é determinado por meio das necessidades sociais do falante em um determinado momento.

Reconhecer como motivada é um ganho importante para compreender melhor os fenômenos idiomáticos, porque, dessa for-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ma, consegue-se compreender melhor a seleção que um indivíduo faz a partir das possibilidades que o idioma lhe propõe. Certamente nada é sem um propósito, então é essa linha a escolhida mais pertinente para analisar os fenômenos lingüísticos.

Afinal de contas, se a língua fosse realmente um sistema arbitrário não haveria vocábulos que pudessem ser construídos com o recurso fonemático, como ocorrem com certas onomatopéias. Portanto, como o funcionalismo prima por reconhecer modificações de toda ordem no idioma, promovidos por pressões nos mais variados contextos comunicativos, torna-se possível avaliar a língua movida por necessidades pragmático-discursivas. No estudo das conjunções é possível notar isso com a variabilidade significativa que tais conectivos se revestem em diferentes situações idiomáticas, não ficando restritas por uma única função.

ALGUMAS ANÁLISES

As análises aqui promovidas possuem o objetivo de instaurar certas propostas que privilegiem um estudo mais ampliado e indicador sempre dos processos sintáticos e, ainda mais semânticos, pois são os aspectos significativos que constroem a linguagem.

Tomar como base um estudo funcional, ainda mais de conjunções, implica fato bastante proveitoso. Aqui analisar-se-ão várias construções para demonstrar quão osciláveis são os valores desses conectivos, dependendo da necessidade discursiva, correspondendo às intenções da enunciação. Os conectivos COMO e PORQUE são alguns que podem ser tomados como exemplo, pois correspondem plenamente a essas mudanças.

Tomando como análise o primeiro, além do óbvio valor comparativo, formador de Símile, em construções do tipo "Como o diabetes e a hipertensão, a asma exige cuidados constantes."; ou seja, a asma exige cuidados tais quais o diabetes e a hipertensão merecem. Outra construção é com valor aditivo tal qual em Não só estudou como também trabalhou, onde o COMO reforçado da palavra denotadora de inclusão TAMBÉM, passa a assumir nesse novo contexto valor de adição; entretanto em frases elaboradas com outras intenções comunicativas, a referida conjunção assume novos papéis no

DEPARTAMENTO DE LETRAS

contexto. Nas frases *Como a mídia influencia demais nossos filhos, desligamos a televisão* e *Tudo ocorreu como prevíamos*, há claras diferenciações semânticas, já que na primeira equivale ao valor de causa, porque segundo o contexto, a mídia reflete influência (causa) e, por isso, desligamos a televisão (consequência); já no que se refere à outra frase, o valor é de conformidade (está de acordo com o previsto). Só esses poucos exemplos demonstram como não é salutar fazer (como querem alguns) uma listagem de conjunções com seus, supostamente, respectivos valores, desconectados das infinitas possibilidades interacionais de comunicação.

Em relação à conjunção PORQUE, essa variabilidade não é menor. Deve-se dar atenção, portanto, às seguintes frases:

- (01) Não vá embora, porque preciso de você.
- (02) Choveu, porque as ruas estão molhadas.
- (03) Não foi à cerimônia, porque bateu com o carro.
- (04) O funcionário trabalhou muito, porque fosse promovido.

Na frase (01), tem-se um valor de **explicação**, já que em virtude da ordem promovida na primeira oração, o que ocorre logo depois é uma explicação para aquele uso do imperativo promovido pelo emissor. Já na frase (02), as gramáticas normativas classificam a oração iniciada pelo PORQUE como explicação e a justificativa para isso está no comentário proferido na primeira oração (Choveu) e a afirmação que se dá para tal afirmação é *porque as ruas estão molhadas*. Entretanto, uma atenção especial revela que *as ruas estarem molhadas* é consequência de ter chovido. Então, por que não classificar a conjunção PORQUE como **consecutiva**, visto que está contida em uma oração que representa o efeito da causa apresentada na outra construção? Ainda que as gramáticas normativas não dêem esse tipo de classificação, se o objetivo aqui é por uma abordagem sincrônica e respaldada no Funcionalismo, é certamente possível classificá-la como tal.

Outro ponto são as classificações das frases (03) e (04). Na (03), a conjunção está promovendo um valor **causal**, pois bater com o carro foi o motivo de não ir à cerimônia (efeito). Instaurando, então, valor de causa-efeito. Porém, na construção da frase (04), o em-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

prego do PORQUE representa agora um valor **final**, afinal de contas, conforme a sentença, o funcionário trabalhou muito , para que fosse promovido. Na verdade, até o verbo da forma que foi conjugado (imperfecto do subjuntivo) respalda a idéia de finalidade, porque representa um objetivo a ser alcançado. Ademais, se a frase *fosse "O empregado trabalhava muito, **porque** foi promovido"*, o valor semântico já pode ser analisado de forma diferente, pois o verbo no perfeito do indicativo demonstra que pelo motivo de ter sido promovido, o empregado trabalhava muito, ou seja, passou a trabalhar demais porque conseguiu promoção, como se tivesse aumentado a carga de trabalho por haver conseguido tal gratificação, num contexto extremamente possível, representando, assim, um valor causal com essa nova estrutura oracional. Certamente esses são fatores que nor-teiam o trabalho pedagógico que deveria ser feito cada vez com maior frequência em sala de aula, e não aquele calcado apenas em apresentar valores para uma série de conjunções, sem demonstrar os reais interesses comunicativos, além das alterações até mesmo de ordem morfológica que implicam alteração de significado e conseqüentemente de enunciado, por conta da enunciação se prestar a alterações constantes, dependendo de uma série de fatores. São essas intenções que precisam ser levadas em consideração na análise de qualquer estrutura idiomática, sem uma visão fechada sobre o assunto, mas flexível constantemente.

CONCEITOS IMPRESCINDÍVEIS

Para que haja uma visão maximizada de determinados elementos teóricos nos fenômenos lingüísticos é necessário fazer menção a certas aplicações. O mais importante desses fenômenos é o da *gramaticalização* que consiste em uma mudança lingüística - nas categorias morfossintáticas do idioma - , ou seja, em sua gramática como afirmam Traugott e Heine (1991, apud BARRETO).

Essa é a possibilidade de um elemento lexical que assumia uma determinada classificação passar a um atributo gramatical diferenciado. Um exemplo disso é a conjunção EMBORA, de valor adverbial, resultado da aglutinação da locução EM + BOA + HORA, que sofreu gramaticalização e tornou-se conjunção concessiva. Para

isso ocorrer, o referido vocábulo passou pelo fenômeno classificado como *recategorização*, isto é, assumiu uma nova categoria gramatical:

ADVÉRPIO > ADVÉRPIO > CONJUNÇÃO

em boa hora embora

A gramaticalização caracteriza-se principalmente por meio da recategorização lexical, mudando a categoria gramatical através da derivação imprópria, por necessidades discursivas ao longo do tempo. Barreto (BARRETO,1998:125) apresenta um quadro construído por Hopper-Traugott em que se estabelece o nível de abstração alcançada pela recategorização, o qual será transcrito aqui:

Na **recategorização** de categorias lexicais, Hopper-Traugott (1993:104) observam o seguinte *continuum*:

Categoria maior > Categoria mediana > Categoria menor

[Nome, Verbo, Pronome] [Adjetivo, Advérbio] [Preposição, Conjunção]

Esse ponto também é importante para avaliar como um termo nesse processo de gramaticalização passa de um conceito mais concreto para um menos concreto, afinal de contas, as conjunções estão posicionadas na categoria menor, ou seja, menos concreta, logo mais textualizada.

Há ainda outro critério importante que é o da **semanticização**, que se constitui na alteração semântica por intermédio da *Metáfora* ou da *Metonímia*. O recurso da Metáfora possibilita a transferência de sentido de um termo para outro porque há determinada semelhança entre o sentido original e o que derivado no processo de gramaticalização. Um elemento que se relaciona com esse mecanismo é a analogia, em que o termo por uma associação mais ampla, isto é, uma imitação a outras construções já existentes.

Já com o recurso *metonímico* isso é diferente, pois há mudança de sentido que se vale de determinados aspectos importantes de serem comentados. Na Metonímia, segundo Barreto (BARRETO,1999:181) a mudança se constitui sintaticamente com uma reinterpretação de elementos, uma reanálise dos elementos que compõem o enunciado.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Esses são alguns conceitos imprescindíveis para compreender o fenômeno da gramaticalização, provando ser um recurso de imensa valia para analisar os fatos da língua, colaborando demais para o prisma funcionalista aqui pretendido.

AS FORMAS LOCUCIONAIS NAS CONCESSIVAS

A formação dos processos locucionais nas concessivas passam pelo fenômeno da *gramaticalização*, mais especificamente o da *recategorização* que resultará em diversas formas reconhecidas no português contemporâneo.

Um exemplo disso é a locução concessiva MESMO QUE, formada pelo advérbio MESMO, seguido da conjunção QUE. O referido advérbio que possuía o valor "da mesma forma", de modo igual" perde seu conteúdo semântico original e absorve por metonímia o valor concessivo da conjunção QUE, formando com ela a referida locução.

Nota-se o exemplo:

(01) **Mesmo que** estudem bastante, ainda não conseguirão classificação.

Outra análise pertinente é sobre a locução conjuntiva APESAR DE QUE, união da locução prepositiva APESAR DE, já de valor concessivo à conjunção QUE. Aqui também houve o processo de gramaticalização, demonstrando assim as recorrentes modificação por que a língua passa. A *recategorização* foi construída a partir da *locução prepositiva APESAR DE + conjunção QUE*, resultando na locução conjuntiva APESAR DE QUE.

Nota-se o exemplo:

(02) Nós alcançamos melhor desempenho, **apesar de que** isso nem seria necessário.

E não é só isso, há uma tendência a que certas conjunções ou locuções concessivas ganhem novos valores nos mais diversos contextos. Como a proposta aqui não é endossar o suposto purismo da língua, mas antes demonstrar como o idioma é flexível; então, de-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

pendendo da intenção do indivíduo, algumas construções tornam-se possíveis.

Uma delas é o funcionamento de uma conjunção por excelência causal, que é o conectivo *porque*, que em vez disso pode funcionar como concessivo. Fato que pode ser observado no exemplo abaixo:

A caricatura não tem por objeto principal fazer rir. Isto é tão certo que há caricaturas lúgubres. Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso, como têm avançado muitos autores, e assim a considera o preconceito corrente. (...) Longe de ser um testemunho da alegria, o próprio exagero caricatural não é senão um meio, nas mãos do artista, para exprimir seu rancor. Não há por que nos surpreendermos com isso. Como, realmente, à força de muito advertidos a respeito daquilo que mascara a mímica social, não cairmos em meditação cheia de desgosto? Como não nos deixarmos possuir por uma espécie de desencantamento, uma como que fadiga da alma, à custa de muito vermos e de vermos muito bem? (GAULTIER, 1963)

Percebe-se que o conectivo *porque* está empregado com valor diferente do usual: "*Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso...*". Entretanto, isso só é plenamente percebido pelo contexto em que se insere, afinal de contas, de acordo com o texto, objetivo principal da caricatura não é promover o riso, ainda que este último seja possível. Daí a conjunção *porque* com função concessiva - *porque encontra o riso em seu caminho...* / *ainda que encontre o riso em seu caminho...*

Outro exemplo que sustenta essa linha funcional é o que ocorre no conhecido "*Soneto de fidelidade*" de Vinícius de Moraes:

Soneto da Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quanto mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, **posto que** é chama [grifo nosso]
Mas que seja infinito enquanto dure.

(Vinícius de Moraes, em *Obra Poética*)

A grifada locução conjuntiva **posto que** não desempenha o canônico valor concessivo, mais uma vez demonstrando a flexibilidade idiomática. Esse emprego, inclusive, gera uma série de discussões gramaticais, tendo em vista os defensores do purismo da língua que consideram erro esse emprego, sendo certamente algo que não se sustenta na observância do funcionalismo. Apesar de não receber respaldo segundo o uso da língua padrão com rigor acadêmico, é extremamente válido sob uma visão funcionalista que, na verdade, demonstra um processo de recategorização semântica, fenômeno pelo qual diversas conjunções passaram ao longo da evolução linguística. E vê-se que tanto *porque* como *posto que* mantêm resguardados seus valores iniciais, só sendo atribuídos novos valores nos novos contextos em que são inseridas, o que prova que o aspecto contextualizador é de capital importância para reconhecer as possíveis classificações das conjunções. Ainda é importante afirmar que esses novos empregos ganham cada vez mais espaço nos meios jornalísticos e acadêmicos, fato que mostra (longe de ser um retrocesso) a evolução do trato linguístico por conta dessas novas sentenças, reafirmando, assim, a vivacidade da língua e que a mesma, justamente por isso, está sujeita a inovações de toda ordem. E se tais inovações fossem agramaticais, os mesmo falantes do idioma materno as rejeitaria, argumento esse já bastante difundido e respaldável quando se fala sobre língua.

CONCLUSÃO

Um estudo gramatical em sala de aula desprovido de uma flexibilidade, sem valorizar contextos variados e calcado em memorização só entenebrece a visão que se tem do idioma materno e não desperta muito interesse por parte do aluno. Procurar meios mais eficazes para o ensino de língua materna é tarefa de todo docente, sobretudo vinculado a textos, pois só assim os indivíduos serão mais competentes para ler e produzir textos, habilidade primordial na sociedade que é a interação comunicativa, base da linguagem.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do Português*. 1999. 508 f. Tese de doutorado em Letras. Salvador: UFBA, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística geral*. 3ª ed. Campinas: Pontes. 1991
- CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto. 1998.
- CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 2002.
- PINTO, Manuel da costa. *A vocação crítica*. Revista CULT, nº 61, ano VI - Setembro/ 2002.
- CUNHA, Antônio Sérgio Cavalcante de. *A sintaxe das conjunções causais / explicativas*. 1994. 84 f. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1994.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino- Português*. Rio de Janeiro: MEC, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio - século XXI - versão 3.0*. [Rio de Janeiro]: Nova Fronteira; Lexikom informática. 1999.
- FERREIRA, Carlos Alberto; RESENDE, Érica dos Santos; PACATO, Vera Lúcia Paracampos. *Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos, Dissertações e Teses*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Faculdade Estácio de Sá, 2002.
- FRANCO, Gustavo. *Por uma política industrial*. Revista Veja. 14 de Abril de 2004. Edição 1849.
- GAULTIER, Paul. In: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

HENRIQUES, Cláudio Cezar.(org.) *Cadernos de língua portuguesa 4 - Especial - 40 anos de Nomenclatura Gramatical Brasileira - ano III*. Vol. 4 - 1999

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico - versão 1.0*. [Rio de Janeiro]: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Linguística funcional - teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATHEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. (rev. e aum.). Lisboa: Caminho, 2003.

NETO, Pasquale Cipro, INFANTE, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1990.

PERINI, Mário A . *Gramática descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: UnB; [São Paulo]: Melhoramentos, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 24ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

VALENTE, André.(org.) *Aulas de Português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes. 1999.